

Mensagem

PROF. JOAQUIM PIMENTA
Da Universidade do Brasil

Imprevisto e sério motivo de saúde impôs-me uma ausência que tanto me contraria e aflige; mas estão convosco o espírito e o coração nessa solenidade, para vós, inesquecível, dentro de mim, refulgindo em sentimento de gratidão e orgulho, graças a vossa extrema magnanimidade, elegendo patrono da turma — **TRABALHO E JUSTIÇA** — o velho professor a que vos liga, no presente, o mesmo sangue e terra de origem; no passado, os mesmos sonhos e ideais de juventude.

Faz exatamente meio século (1908-1958) que, forçado a prosseguir o curso jurídico na Faculdade de Direito do Recife, pisei, pela última vez, o limiar da nossa Escola, pois minha nunca deixou, também, de o ser; porque, se os meus passos se apagaram no chão, com o perene recordar de momentos de paz e alegria, de tumultos e dissabores que vivi, continuaram a ressoar, indeléveis, na rota do meu destino.

No fundo dêsse passado que hoje nos reúne e irmana, jamais se me desvaneceu nem desbotou a imagem sacra da terra estremecida; a paisagem verde ou agreste do heróico sertão onde nasci; o meu Tauá, o meu Inhamuns, aquêles que muito amei, para poder esquecê-los; a minha velha professôra, Maria do Livramento Barreto da Costa Leitão, há dias falecida, a quem rendo, nesta hora, um preito de gratidão e saudade; a nossa Fortaleza, com as suas ruas em quadriláteros, com as "areias" e seus casebres, agora transformados em bairros de aristocracia urbana. E por que não recordar o moço de outrora aos jovens de hoje as noites de lua cheia, as serenatas, com recitativos de *Iracema*, como se essa obra prima fôsse tôda ela uma canção? E as modinhas que se cantavam ao violão, amorosas e plangentes, uma que começava assim:

Dormes, talvez, Julieta,
Neste teu leito de arminho;
Sonhas, talvez, doce anjinho,
Com os esplendores do céu.

E outra que assim terminava:

A morte será minha vingança,
De que serve, ó mulher, eu existir?

Parece que estou vendo o vosso paraninfo e eminente mestre, Dolor Barreira, a repetir comigo os versos, com o pensamento na música, pois sei que dêles ainda se recorda; advertindo, porém, que êle está longe dos 73 anos que irei fazer em janeiro vindouro.

E a Praça do Ferreira? Qual de nós não a tem gravado no coração? Ela que era o próprio coração da *Urbs*, com os seus quiosques, as suas grandes e seculares árvores frondosas, os seus canteiros floridos, as suas alamedas, corredores universitários de minha e de outras gerações, por onde deslizávamos, rumando o futuro, com o calor primaveril dos nossos sonhos de mocidade, das nossas crenças, dos nossos ideais, das nossas rebeliões! Literatura, ciência, filosofia, direito, política, tudo, ali, se discutia; debates que se iniciavam ao cair da tarde entrando pela noite, envolvendo desde questões de vernáculo, seara em que o meu grande amigo Hélio Melo é mestre insigne, aos mesmos problemas humanos e sociais que, hoje, muito mais do que naquele tempo de paz internacional, tumultuam, abalam e ameaçam os fundamentos, senão o próprio destino da civilização contemporânea.

Para evitar omissão, que só poderiam ser involuntárias, não quero recordar nomes que traziam a seiva latente do grande juiz, do grande advogado, do professor emérito, do homem de letras, de pensamento, de saber, que iriam, dentro e além de nossas plagas, projetar e enaltecer o esplendoroso renome do Ceará em tradição e cultura.

Dos mestres poderia citar nomes ilustres, como outros tantos que ornaram essa Congregação, presente para o abraço da despedida, tão altamente representada pelo vosso paraninfo, autêntica e vigorosa personalidade de jurista, de historiador e crítico literário; mas permiti que os evoque, todos, no mesmo culto de veneração, o afeto que, desde o primeiro no do meu curso jurídico, guardo à figura imorredoura de Soriano de Albuquerque, outro Tobias Barreto na crônica universitária do Brasil. Êle foi nessa Faculdade o que foi Tobias na do Recife: um criador de horizontes culturais tão cedo desaparecido. "Não fôsse, escrevi em **RETALHOS DO PASSADO**, o fim prematuro que teve, poderia mais tarde honrar qualquer instituto universitário do mundo. Atraído para os domínios da sociologia, passaram os seus escritos a figurar nos *comptes-rendus* de periódicos estrangeiros de mais autoridade, ao mesmo tempo que se incluía o seu nome entre sócios e colaboradores de mais de uma

instituição sábia do continente europeu. Por outro lado, galgava, rápido, o pôsto olímpico que é a suprema glorificação do homem de ideias: rodeava-o um grupo de discípulos entusiastas e dedicados — primeiro punhado de sementes que os apóstolos recolhem e atiram, por entre cascalhos, no solo quase sempre estéril, de onde brotam e florescem as grandes crenças, os grandes ideais...”

Não há nenhum paradoxo em dizer que a voz oracular do Mestre reúne, aqui, aos estudantes de hoje o estudante de ontem, sob o mesmo estandarte e o mesmo lema — TRABALHO E JUSTIÇA: — porque foram estas duas palavras mágicas que me conduziram do banco escolar à cátedra do professor; da cátedra, à tribuna, em comícios de praça pública; da tribuna, com uma cicatriz de bala no braço que apontava a massas oprimidas o seu direito, ao Ministério do Trabalho, onde, há dias, o Ministro Fernando Nóbrega, um dos meus antigos alunos e dos melhores que conheci na Faculdade de Direito de Recife, colocou-me no peito uma áurea medalha de honra, por serviços que, desde a sua fundação, prestei àquele Ministério; comovedor coroamento simbólico da minha vida de homem de ação, como a vossa homenagem veio coroar, num gôsto profundamente humano e generoso, a minha vida de homem de pensamento.

Terminando esta mensagem que o meu estado de saúde não permite seja mais extensa e em nível com a magnitude e esplendor dessa solemnidade, resta felicitar-vos pela acertadíssima escolha do vosso jovem colega Francisco Jorge de Abreu, para intérprete de vossas despedidas, de vossas esperanças de hoje, que serão vitórias de amanhã; associando neste vaticínio, que os meus votos acompanham, o nome de Alice Pimenta, a companheira que vim a conhecer em 1909, e que, anos depois, iria ser um rosário de estrélas no meu destino.